

QUANTOS TRAUMAS KEHINDE TEVE?

Vanessa Hack Gatteli¹

Resumo: *Um defeito de cor* (2015) inicia com Kehinde, uma menina sequestrada em uma cidade africana chamada Uidá para virar escrava no Brasil. Já adulta, ela tem seu segundo filho, Omotunde, que seria anos mais tarde vendido como escravo pelo próprio pai. Ela resolve voltar para a África, deixando pessoas de confiança responsáveis pela busca do filho desaparecido. Kehinde resolve voltar para o Brasil para finalmente reencontrar seu filho. A questão que se coloca aqui é se todos esses traumas são uma performatividade de um trauma cultural (ALEXANDER, 2004) ou de um trauma individual (CARUTH, 1996), ou ainda, se eles se enquadram em outras noções de trauma, conforme Luckhurst, 2008.

Palavras-chave: trauma; trauma cultura; *Um defeito de cor*; escravidão

Em 1988, Octavio Ianni afirmou que a literatura negra estava “por fora e por dentro da literatura brasileira”. Após o trabalho de pesquisadores como Assis Duarte, o termo literatura afro-brasileira – livre de fenótipos – tomou o lugar de literatura negra, mas ainda carrega em si essa condição híbrida de estar “por dentro” e “por fora” da literatura brasileira. Eu prefiro a noção de estrangeiro de Kristeva, menos binária, na qual ela afirma que o estrangeiro é esse sujeito rejeitado, que quando não sucumbe, acha um caminho. Para Kristeva,

O estrangeiro seria o filho de um pai cuja existência não deixa dúvida alguma, mas cuja presença não o detém. A rejeição de um lado, o inacessível do outro: se tiver forças para não sucumbir a isso, resta procurar um caminho. Fixado a esse outro lugar, tão seguro quando inabordável, o estrangeiro está pronto para fugir. Nenhum obstáculo o retém e todos os sofrimentos, todos os insultos, todas as rejeições lhe são indiferentes na busca desse território invisível e prometido, desse país que não existe mas que ele traz no seu sonho e que deve realmente ser chamado de um além. (KRISTEVA, 1994, p. 13)

Para Kristeva a possibilidade de uma “felicidade cabisbaixa”, penso que a pergunta a ser feita é ainda mais primordial: haveria estrangeiros livres? Kristeva acredita que sim, que o estrangeiro é portador de uma liberdade sofrida, acompanhada da solidão, frequentemente cercado pelo ódio do outro. A qualquer momento, pode ser lembrado que não pertence àquele lugar. Em outro âmbito, contudo, o estrangeiro precisa lutar visceralmente por sua liberdade, como no caso de povos escravizados. Para Assis Duarte (2011), a literatura afro-brasileira apresenta uma dinâmica própria, que envolve uma sintonia entre temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público. Assis Duarte lembra que esses fatores não são necessariamente uma camisa de força, mas sim são elementos frequentes na literatura afro-brasileira, constatados por meio do estudo conduzido por Assis Duarte.

¹ Graduada em Letras (UFRGS), Mestre em Literatura Comparada (UFRGS) e Doutoranda em Teoria, Crítica e Comparatismo (UFRGS). Contato: vanessagatteli@gmail.com

Levando isso em consideração, penso que a obra *Um defeito de cor* (2006) é um dos grandes expoentes da literatura afro-brasileira contemporânea. Assim como a literatura afro, a narradora-personagem não sucumbe, ela supera todos os sofrimentos na busca de um devir.

O enredo da narrativa é praticamente impossível de ser comentado em poucas palavras. O que é possível dizer, é que a narrativa se inicia com a personagem em sua casa, ainda criança, na África, passando por um sem-número de lugares em sua trajetória. Em inúmeros movimentos, Kehinde/Luísa passa por diversos lugares: Reino do Daomé (atual Benim), Bahia, Maranhão, Rio de Janeiro, São Paulo e Nigéria.

A história tem seu desfecho com a personagem retornando ao Brasil, ancorando já no porto. Ela havia voltado para a África depois de muitos anos como escrava e também como liberta no Brasil. Na África, ela se torna uma grande empreendedora, fabricando casas e exportando produtos, tendo uma outra família, com novo companheiro e dois filhos gêmeos. Sua decisão por retornar ao Brasil se dá para fazer uma última tentativa de reencontrar o filho no Brasil, contando então sua história durante a viagem para sua acompanhante. Só descobrimos que o livro está sendo ditado para outra pessoa, nas últimas páginas do livro, o que explica o tom um tanto oral da narrativa. Em inúmeros movimentos, Kehinde/Luísa passa por diversos lugares: Reino do Daomé (atual Benim), Bahia, Maranhão, São Sebastião do Rio de Janeiro, São Paulo e Nigéria.

Penso que o romance pode ser dividido em duas grandes buscas da protagonista: a busca pela liberdade e a busca pelo filho desaparecido. A busca pela liberdade predomina na primeira metade do livro, na qual Kehinde luta por sua carta de alforria. Contudo, sua busca pela liberdade vai muito além da individualidade. Sua participação na Revolta dos Malês prova isso, seu objetivo é o fim da escravização dos africanos e seus descendentes. Para além da luta armada, Kehinde se junta a uma espécie de cooperativa de crédito, que financia cartas de alforria para escravos. Além de tudo isso, ela também ensina algumas crianças a ler e escrever.

A busca pelo filho toma conta da segunda metade da narrativa, iniciando no momento em que o pai do segundo filho de Kehinde é vendido como escravo. O pai de Omotunde (o filho de Kehinde), era um homem branco, com quem Kehinde havia ido morar em um sítio e aberto uma sociedade em uma padaria. Em função da extensão do livro, vou explicar alguns detalhes que ocorreram antes de o filho de Kehinde ser vendido como escravo.

Depois de um tempo, o pai do filho de Kehinde resolve casar formalmente com uma mulher branca e Kehinde constrói uma casa nos fundos da antiga padaria. É nessa casa em que em um acidente, ela perde seu filho primogênito (fruto de um estupro cometido por seu antigo senhor), em um acidente com uma faca em uma brincadeira de criança.

É nesse período, morando ainda em Salvador, que Kehinde se envolve com muçumirins e luta na revolta dos malês. Não muito tempo depois, ela se envolve com um homem chamado Jorge e participando, quase que involuntariamente, de uma revolta chamada Cemiterada, na qual é pega pela polícia e vai presa. Ela consegue sair da cadeia, mas precisa fugir, ficando algum tempo em Itaparica, deixando o filho para trás, com sua amiga de longa data, Esméria. O pai da criança continuava vendo a criança de vez quando.

Por motivação religiosa, ela vai para o Maranhão estudar para ser vodúnsi, assim como sua avó. Ela então retorna brevemente para Salvador, mas apenas para fazer os preparativos para ir para o Recôncavo, onde continuaria seus estudos para se tornar vodúnsi. Nesse intervalo, ela revê o filho, mas se dá conta que não pode levá-lo para o recôncavo junto com ela. É nesse momento que o pai de seu filho, endividado por causa do jogo, vende o filho como escravo. A partir daqui a narrativa se torna a busca de Kehinde por esse filho.

É nessa segunda busca que eu foco minha reflexão, pensando na teoria do trauma e do trauma cultural. Para autores como Caruth (1996) e Lockhurst (2008) que o trauma é uma experiência intensa, catastrófica e muito dolorosa para um indivíduo suportar. Por isso o sujeito reprime esse trauma, saindo aparentemente ileso psiquicamente (e muitas vezes, fisicamente também). Esse trauma passa por um período de latência e mais cedo ou mais tarde, vai vir à tona na forma de diversos sintomas, como sonhos, *flashbacks* e alucinações. De acordo com algumas linhas de pensamento, esse trauma só será assimilado no momento em que for narrativizado.

Para explicar a teoria do trauma cultural de forma rápida, de Jeffrey C. Alexander (2004), vou fazer uma analogia com a teoria do trauma individual. Após uma experiência tão nefasta quanto a escravidão, houve algo que podemos fazer uma comparação com o período de latência do trauma individual. Em um momento em que o país ainda se constituía enquanto nação, foi implantado um projeto que não incorporou a escravidão às suas “narrativas mestras”. A abolição da escravatura foi transformada, nas palavras de Assis Duarte, em “um *happy end* festivo e apaziguador” (2005, p. 167), recalçando esse trauma coletivo. No entanto, esse trauma não deixa de vir à tona – aí a analogia fica por

conta da marginalização que a população negra sofre no Brasil até hoje, uma das heranças que a escravidão deixou.

A literatura afro-brasileira contemporânea, em uma tentativa de defrontar-se com esse trauma, vem trazendo em suas narrativas temas relacionados à realidade de uma sociedade marcada pela discriminação racial. Conceição Evaristo lança mão de sua *escrevivência* em suas histórias, frequentemente marcadas pela violência. E é justamente da Conceição Evaristo (2016) que vem o título dessa apresentação *Quantos traumas Kehinde teve?*, no caso o conto *Quantos filhos Natalina teve?*. É frequente também uma revisitação ao passado, como é o caso do romance tratado nesse artigo. Como se observa, é uma maneira de resgatar as histórias “esquecidas” pela literatura do séc. XIX.

A literatura é um meio pelo qual muitas vezes os traumas são confrontados. Eu cito como exemplo as obras de Toni Morrison *A Mercy* e *God Bless the Child*. Na obra *Um defeito de cor*, os personagens confrontam seus traumas de forma simbólica, por meio da religião. Durante o período em que são cativos, os personagens escravizados decoram as rezas da Casa Grande, mas escondem as imagens de seus santos embaixo de suas esteiras na senzala. Ou então por meio do sincretismo: Uma contadora de histórias aparece na fazenda e conta uma história já conhecida por Kehinde, mas a história tem um final diferente, termina com Nossa Senhora. Em muitos momentos, para que pudessem viver sua cultura, ela precisava ser adaptada.

No entanto, o grande trauma da vida de Kehinde talvez não seja nem o estupro, o sequestro, a morte de familiares, a perda da liberdade, a morte do filho ou mesmo a perda do filho para a escravidão, a quem ela busca incansavelmente durante o resto de sua vida. Seu grande trauma, talvez seja um assassinato que ela cometeu no momento em que viu ameaçadas todas as coisas que conquistou: sua vida, em primeiro lugar, juntamente com sua maternidade, deixaria seu filho órfão. Por fim, temia por sua liberdade, que tanto tinha lutado para reconquistar.

Quando morava ainda no sítio em Salvador ocorre um fato que define os rumos da história. Sua padaria ficava longe do lugar em que morava e certo dia, por calcular mal o tempo, a noite acabou caindo ainda durante o percurso. É no meio desse trajeto que Kehinde é abordada por dois negros, que queriam seu dinheiro. Como não se deram por satisfeitos com o que ela tinha, Kehinde acaba por matar um dos homens negros, enquanto que o outro fugiria:

O sangue esguichou da garganta do homem e escorreu pela faca, molhando a manga do vestido e esquentando meu braço. Não me lembro muito bem do que aconteceu em seguida, apenas que fiquei parada, com o braço erguido e a faca

cortando o espaço onde estava o pescoço do homem caído no chão. (GONÇALVES, 2015, p. 446)

Ela estava com uma faca porque havia tido um pressentimento, por isso resolvera sair armada. Ela só conseguiu matar o homem sem o revide do outro agressor porque seu amigo Sebastião veio encontrá-la, distraindo os homens momentaneamente com seu grito. Kehinde na verdade ataca o homem não só para defender sua integridade física, mas também para defender sua liberdade: na bolsa ela carregava não só o dinheiro, mas também sua carta de alforria.

Após esse evento, Kehinde mostra sinais visíveis de trauma, tendo a sensação de sangue escorrendo pelo braço durante à noite na cama, sendo obrigada a levantar e se lavar com muita água, prevenindo que aquele calor tomasse conta de todo seu corpo. Esse tipo de alucinação é comum em vítimas de trauma – trauma aqui em um sentido bastante específico, que é definido pela psiquiatria como TEPT. Caruth define esse trauma como uma experiência muito opressiva e repentina, na qual o indivíduo responde com sintomas incontroláveis e involuntários, como alucinações.

Contudo, o trauma vai muito além da noção classificatória de patologia. É uma “ferida” aberta que quer nos contar uma verdade e que não pode ser dita de outra maneira. É algo incontrolável, uma espécie de possessão, sobre a qual o indivíduo não possui qualquer tipo de controle. Muitas vezes, também é visto como algo paradoxal, talvez pendular, entre a vida e a morte, entre destruição e sobrevivência. Sobreviver, para a consciência de um indivíduo que sofreu um trauma, é se confrontar reiteradamente com a primordialidade e impossibilidade de compreender a ameaça à vida pela qual se passou.

Ao final da narrativa, descobrimos que a razão para Kehinde nunca ter encontrado o filho, foi esse assassinato, foi um erro não confrontar o trauma dessa morte por meio de um ritual religioso. Kehinde respeitava a morte e os espíritos dos mortos, era algo a que levava a sério. Até mesmo evitava o teatro de fantasmagoria do RJ, por achar que aquilo não poderia ser usado para diversão:

Os donos do teatro afirmavam que podiam fazer aparecer o espírito de qualquer morto, desde que tivessem um desenho ou uma pintura dele. Algumas pessoas levavam as imagens de seus mortos e logo depois os espíritos deles estavam lá, andando pela parede como se fossem vivos. Eu achava aquele assunto sério e evitava até mesmo passar em frente ao teatro. (GONÇALVES, 2015, p. 702-703)

Enquanto morava em São Sebastião do Rio de Janeiro, houve um assassinato na casa/cortiço em que vivia. Kehinde acabou se tornando cúmplice, ajudando a acobertar o crime, pois o assassino era um jovem conhecido da vizinhança. Contudo, amigos do

morto vieram vingar a morte do falecido e assassino acabou por ser assassinado também. Kehinde a vizinhança notaram que o espírito desse vizinho que fora morto por vingança, possuiu o corpo de uma criança e de uma mulher, necessitando de purificação religiosa. Um amigo, chamado Maboque, não permitiu que Kehinde participasse dos rituais, pois ela pertencia a outra religião (Kehinde cultuava voduns e orixás, enquanto que Maboque era do candomblé). No entanto, ela pode ir até o local da coleta de folhas necessárias para o ritual, o que permitiu à narradora explicar um pouco sobre o *tata kisaba*, uma espécie de sacerdote do candomblé.

Quando Kehinde deixa São Sebastião do Rio de Janeiro, seu namorado Piripiri deixou de presente para ela um lenço vermelho, cujo valor simbólico estava associado à capoeira. Kehinde retribuiu a gentileza, deixando para ele uma bolsinha de tecido brocado que havia comprado com o dinheiro da venda de Cookies, quando ainda era escrava. Muitos anos depois, quando já está retornando ao Brasil idosa e cega, Kehinde relembra esses fatos.

Ela faz uma *mea culpa*, associando os desencontros entre ela e o filho ao assassinato que teve que cometer em legítima defesa:

Você deu alguma importância quando contei que o Maboque, aquele tata kisaba que alugava um cômodo na casa da dona Balbiana, disse que os espíritos dos mortos perseguem seus assassino, atrapalhando a vida deles por todo o sempre ou até que seja feito um trabalho de limpeza? Se você disser que sim, reconheço que minha culpa é maior do que imaginava, pois não me importei. Não pensei que aquele homem que tinha tentado me assaltar na estrada para o sítio onde morávamos em São Salvador estivesse incluído nesse tipo de espírito. Isto é, nunca me vi como uma assassina, apenas como uma pessoa se defendendo de outra. (GONÇALVES, 2015, p. 947)

Kehinde deixou de encontrar o filho porque ignorou, por um acaso tolo do destino, uma série de cartas recebidas na África. Três dessas cartas continham notícias contundentes sobre o paradeiro de seu filho. Uma quarta carta, com poucos meses de diferença das outras, falava de uma visão que seu velho amigo Maboque tivera ao ver a bolsa de brocado no meio das coisas do Piripiri. Fora justamente essa bolsa que Kehinde usava no dia em que matou aquele homem para se defender. A carta trazia informações importantes:

Por algum motivo qualquer, o Maboque tinha visto a bolsa entre os guardados do Piripiri e teve uma visão comigo, quando ficou sabendo de tudo que tinha acontecido e do quanto aquele espírito já tinha me prejudicado. Ainda continua prejudicando, mas sei que logo vamos acertar as nossas contas. Vou procurar por ele no Orum, pois acho que a minha culpa por ter tirado a vida dele já foi expiada há muito tempo. E ele ainda prejudicou você, te afastando de mim, dificultando a sua vida por causa das decisões erradas que eu tomava, às vezes até sem saber por quê. Será que isso explica nossos desencontros? Será que

you believe in everything I've told you? I hope so, and I'm still thinking about whether it was really the best for you. (GONÇALVES, 2015, p. 947)

Esse trauma, esse assassinato que Kehinde comete e cuja culpa carrega nas costas pelo resto da vida é o que Herman e Vervaeck chamam de *dynamic bound motif*, sendo indispensável para a fábula (a fábula, na narratologia, seria algo mais ou menos equivalente ao enredo).

Concluindo, creio que a incompreensão do trauma que sofreu fez com que Kehinde não confrontasse esse trauma, pois não se enxergava como uma assassina. Da mesma forma, considero que ela sequer tenha compreendido de forma clara a vida que sofreu. Durante toda sua vida, diversos acontecimentos exigiam uma cerimônia africana, fosse um batizado, um agradecimento ou um simples pedido. A incompreensão fez com que a personagem não se desse conta da primordialidade de um ritual de purificação.

Em um sentido mais amplo – aí já pensando na ideia de trauma cultural e/ou coletivo, penso que essas narrativas afro-brasileiras que retomam o passado enfrentam o *happy-ending* da nossa abolição. Por fim, concluo parafraseando Conceição Evaristo: *Um defeito de cor* é uma narrativa que certamente perturba os sonhos injustos dos filhos da Casa Grande.

Referências

ALEXANDER, J. C.; EYERMAN, R. GIESEN, B.; SMELSER, N. J.; SZTOMPKA, P. **Cultural Trauma and Collective Identity**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 2004.

CARUTH, C. **Unclaimed Experience: Trauma, Narrative and History**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1996.

DUARTE, E. A. **Por um conceito de literatura de afro-brasileira**. In DUARTE, E. A. e FONSECA, M. N. S. (Org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 4, História, teoria, polêmica.

_____. **Margens da história: A revisitação do passado na ficção afro-brasileira**. In: SISCAR, Marcos; NATALI, Marcos (Org.). *Margens da democracia: a literatura e a questão da diferença*. Campinas, SP / São Paulo, SP: Editora da Unicamp / Editora da USP, 2015, p. 167-189.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

GONÇALVES, A. M. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

LOCKHORST, R. **The trauma question**. New York: Routledge, 2008.